



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFLETINDO EM CURSO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Adriana Hoffmann Fernandes*
(UNIRIO)

Aldenira Mota do Nascimento**
(UNIRIO)

Mirna Juliana Santos Fonseca***
(UFC)

RESUMO:

O artigo traz reflexões sobre a experiência do curso de férias Cinema e Educação, ministrado pela professora Adriana Hoffmann Fernandes, da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 2011. O público-alvo foi composto por alunos de graduação das diversas universidades federais do Rio de Janeiro. A metodologia teve por base a leitura e discussão de textos, exibição de filmes ou fragmentos de filmes emblemáticos para reflexão, discussão e produção a partir destes, realização de pequenas produções audiovisuais durante o curso, registros visuais e escritos do vivido e refletido durante o curso. O artigo propõe-se a discorrer sobre as experiências vivenciadas no curso por meio dos exercícios propostos e sobre as reflexões levantadas por seus participantes sobre o diálogo entre educação e cinema.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Cinema, Formação de professores.

* Doutora em Educação e Mídia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre em Educação e Pedagogia (PUC-Rio). Professora Adjunta da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Coordenadora o grupo de pesquisa *O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes contextos educativos* (UNIRIO). E-mail: hoffadri@yahoo.com.br

** Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio. Mestranda em Educação (UNIRIO); participante do grupo de pesquisa de Adriana Hoffmann. E-mail: profald@ig.com.br

*** Especialista em Língua Francesa – Tradução (UERJ). Graduada em Letras-Francês pela Universidade Federal do Ceará (UFC); participante do grupo de pesquisa de Adriana Hoffmann. E-mail: mirnajuliana@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

Atualmente, muitos pesquisadores têm apresentado nos fóruns educacionais as modificações que os meios de comunicação vêm trazendo para pensarmos a formação de sujeitos ao longo dos anos. É impossível deixar a escola fora dessa discussão sobre a relação das crianças e jovens com as mídias, mais especificamente as audiovisuais, pois já é consenso que as imagens fazem parte do repertório visual, narrativo, cultural e social das crianças e jovens de uma forma muito intensa e híbrida. Rivoltella (2008, p. 75) compreende o cinema como “agente de socialização”, pois “possibilita encontros das mais diferentes naturezas: de pessoas com pessoas na sala de exibição, das pessoas com elas mesmas, das pessoas com as narrativas nos filmes, das pessoas com as culturas nas diversas representações fílmicas e das pessoas com imaginários múltiplos.”

Pesquisas como a de Pereira (2008), apontam que não é por falta de equipamentos que o cinema tem deixado de ser utilizado dentro do contexto escolar como parte integrante da construção de conhecimento e como veículo de expressão. Este é ainda utilizado para algum fim didático, não como um ato criativo e reflexivo, não como uma “arte” que deixa rastros, conforme nos diz Benjamin (apud FERNANDES, 2010), sendo uma forma de narrativa da modernidade.

Diante dessas reflexões, algumas questões se apresentam para serem investigadas e teorizadas: Por que diante de tantas transformações que a sociedade vem sofrendo, os professores não mudam a forma de trabalhar com o cinema? Qual seria a melhor parceria que se poderia estabelecer entre cinema e educação? Como introduzir o trabalho com o cinema na escola a fim de esclarecer e estimular o gosto, ampliando o repertório cinematográfico junto aos professores e alunos? A partir destas questões se desenhou o curso Cinema e Educação, realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O CURSO

O curso Cinema e Educação, ministrado pela professora Adriana Hoffmann Fernandes como curso de férias da Escola de Educação (UNIRIO), em fevereiro de 2011, teve por objetivos:

- conhecer as discussões referentes às relações entre cinema e educação sob a ótica de diferentes autores;
- ver, pensar, discutir e produzir a partir de filmes inteiros ou fragmentos;
- experienciar algumas dimensões da mídia-educação (com foco no cinema), pensando nessa perspectiva de trabalho dentro da escola.

O público foram graduandos das universidades federais do Rio de Janeiro. A metodologia utilizada teve por base a leitura e discussão de textos, exibição de filmes ou fragmentos de filmes emblemáticos para reflexão, discussão e produção a partir destes, realização de pequenas produções audiovisuais durante o curso, registros visuais ou escritos do vivido e refletido durante o curso.

Como proposta inicial do curso, os alunos foram convidados a escrever suas memórias cinematográficas registrando sua experiência com o cinema em suas histórias pessoais. Assim, percebemos quão variadas são as formas como os jovens do curso relacionaram-se com o cinema ao longo de sua formação. Destacaram-se nos relatos: a listagem de filmes (com ou sem impressões pessoais sobre estes); lembranças ou escolhas de filmes pelo contexto vivido em cada fase da vida ou por temas específicos de interesse do sujeito; relatos sobre os filmes que foram vistos “mais vezes” como filmes mais representativos em sua formação, alguns filmes vistos na escola; e lembranças da primeira vez em que foram ao cinema. Nesse contexto, nos chamaram a atenção relatos que contam como eles estabeleceram relação com o cinema desde a infância, ou desde os primeiros contatos com ele, e como isso foi fazendo parte de sua experiência e formação, destacando-se claramente a dimensão formadora do cinema nas suas vidas.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A turma também foi convidada a conhecer os primeiros experimentos cinematográficos a partir do texto de Duarte (2002), discutindo as contribuições dos irmãos Lumière que decidiram fazer uso de sua invenção, o cinematógrafo, criando “filmes curtos, com cerca de 50 segundos cada, que retratavam cenas do cotidiano das cidades.” (p. 21). A autora fala também da invenção acidental e mágica do cinema por Georges Méliès, que a partir de cortes e colagens dos negativos passou a editar filmes, fazendo com que o cinema de ficção continuasse numa crescente evolução. Nesse contexto de discussão, a turma assistiu a alguns dos primeiros filmes de que se tem registro dos irmãos Lumière e de Méliès, sendo convidada a criar seus próprios filmes, usando seus celulares e câmeras digitais.

Essa proposta de filmar com a câmera parada e sem som, assim como ocorreu inicialmente com o cinema, foi chamada de Exercícios Lumière. Em seguida, assistimos às produções e comentamos a criação de cada um, observando a proposta, a escolha do lugar, entre outros aspectos. Dessa forma, a turma pôde ter um contato direto com a produção em si, com o ato criativo, pois conforme explica Bergala (2008, p. 171):

[...] para se iniciar a uma prática criativa, uma experiência direta e pessoal, ainda que modesta, é mais valiosa. [...] Pois é de uma experiência sujeito a sujeito que se trata na transmissão de um gesto de criação, para a qual é quase indispensável ter corrido o risco, ao menos uma vez na vida.

A turma também foi convidada a criar um filme mudo (ainda com a câmera parada), porém com música, legendas e cortes de cenas. Esse exercício foi denominado Filme Mudo e teve por inspiração o filme O garoto, de Charles Chaplin. E assim, a turma vivenciou mais uma vez o cinema no seu modo de fazer, que Bergala (2008, p. 171) entende ser muito importante na apreensão do cinema como arte: “Há algo de insubstituível nessa experiência, vivida tanto no corpo

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

quanto no cérebro, um saber de outra ordem, que não se pode adquirir apenas pela análise dos filmes, por melhor que seja conduzida.”

Para discutir sobre a linguagem do cinema, lemos os textos de Carrière (1995) e Duarte (2002) e vimos vários fragmentos de filmes, dentre os quais, destacamos a cena da escadaria, do filme *O encouraçado de Potemkin*, de Serguei Mikhailovitch Eisenstein. Nessa atividade, cada grupo deveria comentar que impressões tiveram ao assistir a cena, e que recursos o cineasta usou para “atingir” o público, partindo do pressuposto de que “conhecer os sistemas significadores de que o cinema se utiliza para dar sentido às suas narrativas aprimora nossa competência para ver e nos permite usufruir melhor e mais prazerosamente a experiência com filmes.” (DUARTE, 2002, p. 34).

Bergala (2008) diz que o uso de trechos de filmes é uma estratégia a ser usada pelo professor na escola, defendendo que um filme como arte precisa ser visto muitas vezes, e para se garantir isso na escola ele propõe a criação de uma DVDteca. O autor acredita que a missão da escola é, mais do que nunca, “facilitar o acesso – de modo simples e permanente – uma coleção de obras que deem a ideia elevada, não pedagógica, daquilo que o cinema – todo o cinema – pode produzir de melhor.” (p. 92).

Outro momento importante do curso foi de discussão dos textos que fazem um entrelaçamento entre cinema e educação (BERGALA, 2008; FRESQUET, 2008; DUARTE; ALEGRIA, 2008; FANTIN, 2006).

Em outra atividade, os alunos que já tinham experiência com o cinema ou com o audiovisual dentro de espaços educativos puderam apresentá-la, num momento de reflexão e troca coletiva de experiências. O interessante nessa troca foi perceber que o cinema é utilizado dentro da escola com objetivos vários e que ainda é bastante ligado à questão da aprendizagem, mas em alguns espaços já se busca uma ampliação de repertório, uma educação do olhar, um processo de

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

criação.

Os alunos do curso também participaram da seleção dos filmes para o projeto de extensão Cine CCH da Escola de Educação. A proposta levada à turma consistiu na apresentação, feita pelos alunos do curso, de 13 filmes pré-selecionados para o Cine CCH e, em seguida, a votação dos filmes escolhidos para exibição no projeto, que ocorre uma vez por mês no Auditório Paulo Freire da UNIRIO com a projeção de filmes e debates sobre os temas abordados nos filmes.

Como a aprendizagem sobre a leitura de textos impressos e visuais precisa de mediações, o papel do professor é “botar a mão na massa”, abrindo mão dos seus clichês pedagógicos e de intelectualidade para fazer do espaço educacional, em diferentes níveis de ensino, um lugar de troca entre saberes e não saberes. A partir do curso Cinema e Educação, ao trabalharmos com professores em formação na Maratona Cinematográfica, buscamos também: “[...] ‘quebrar’ a lógica do gosto constituída pelo acesso fácil, precoce e permanente a filmes do mesmo padrão estético e narrativo.” (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 75).

Sendo assim, o acesso à informação e à formação estética é um grande agente de transformação na busca de conhecimento dos leitores imagéticos da atualidade, como salientam Duarte e Alegria (2008, p. 73):

[...] parece urgente pensar em uma outra possibilidade de ensinar as crianças a ver filmes, tendo como objeto construir com elas os conhecimentos necessários para a avaliação da qualidade do que veem e para a ampliação de sua capacidade de julgamento estético, partindo do princípio de que o cinema é uma das mais importantes artes visuais da atualidade, com um imenso poder de atração e indiscutível potencial criativo.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

As memórias de cinema dos jovens professores do curso

Os relatos das Memórias Cinematográficas dos alunos contam como os sujeitos estabeleceram relação com o cinema ao longo dos tempos desde a infância, ou desde os primeiros contatos com ele, e como isso foi fazendo parte de sua experiência e formação. Nesses relatos destaca-se claramente a dimensão formadora do cinema na vida desses jovens, além disso é possível perceber através deles, as diferentes relações com o cinema na formação dos jovens que podem nos trazer algumas pistas para pensar sobre sua dimensão formadora na escola.

Há os que não tiveram contato com o cinema na infância devido à falta de acesso e às condições socioeconômicas desfavoráveis, mas que adquiriram sua forma própria de relação a partir de sua experiência:

Minha infância e adolescência não foi muito recheada com idas a cinema e nem estive voltado para o consumo de vídeos nos VHS, DVD ou outras mídias. Assistia ao que interessava e aquilo a que tinha acesso. Minha primeira memória quando o assunto é cinema é justamente a questão socioeconômica visto que a ida ao cinema [...] sempre me foi vedada devido ao fato de ser considerado um lazer caro. Venho de uma família de origem humilde que com dificuldades atravessou todas essas décadas e que propiciou acesso à educação básica a mim e a meus irmãos. O lazer tido como supérfluo sempre foi deixado para segundo plano. [...] Na época dos estudos secundaristas tive a oportunidade de trabalhar numa grande rede de cinemas [...] nesta experiência passei a assistir dois filmes por semana. [...] Mesmo depois que deixei de trabalhar no cinema passei a ir aos cinemas com maior regularidade, comecei a baixar filmes da internet... (Aluno L).

Os que tiveram contato com o cinema-indústria na infância e continuam tendo até hoje o mesmo tipo de contato:

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Eu, particularmente, não tenho muito hábito de assistir a filmes. Quando criança gostava muito de assistir “Lua de Cristal”, pois aquelas músicas cantadas pela Xuxa me deixavam encantada. Hoje se recebo um convite para assistir a um filme prefiro os de comédia. (Aluna B).

Lembro que descobri os filmes na infância através do filme “O Rei Leão” o qual acabou me impulsionando a ver outros filmes da Disney. Já entrando na adolescência via “Família Adams” (1 e 2) que sempre passava na televisão e passei a ser mais frequente no cinema, pois este era um dos principais destinos quando saía com minhas amigas. Atualmente continuo a ver filmes com as mesmas características que se acumulam desde a infância, entretanto uso o cinema mais como meio de lazer do que de estudo. (Aluna K).

Os que tiveram contato com esse mesmo cinema-indústria tanto por meio do cinema como por meio de locadoras e TV, adquirindo formas de ver relativas a esse hábito:

Na minha experiência mais do que gostar de assistir filmes, gostava de ir assistir filmes. A ida ao cinema com minha família era uma festa, fosse em cinema de rua ou em cinemas de shoppings. Lembro como se fosse hoje três filmes: “O Rei Leão”, que assisti apenas com meu pai que eu pouco via pois ele viajava muito a trabalho, e que me rendeu muitos choros; o filme “Mulan”, que eu e minhas irmãs gostamos tanto a ponto de comprarmos brinquedos do filme e de ser tema de festa de aniversário delas, e “Titanic”, filme que assisti três sessões seguidas no cinema. Ademais essa relação foi se intensificando quando assistia à “Sessão da Tarde” no canal aberto, quando assistia com minha mãe em seu vídeo-cassete, quando discutia os lançamentos com os amigos... Mesmo que essa relação com o cinema tenha crescido ela sempre continuou amadora, espontânea e despreocupada. (Aluno T).

Sempre gostei muito de cinema. Quando criança aguardava ansiosa as sextas em que meu pai sempre passava na locadora antes de vir para casa. Dessa época trago um hábito: assistir várias vezes um mesmo filme. Parece que preciso de tempo para organizar as ideias, absorver os detalhes... A pior coisa para mim é sair do cinema com todos te interrogando: “É aí, o que achou? É bom?” Não funciona assim. Quando gosto muito de um filme

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

preciso tê-lo, ter a segurança de saber que ele vai estar lá na estante para um momento em que tudo que quero é revê-lo. Esse momento sempre chega. (Aluna V).

Os que ao longo da vida foram tendo acesso e adquirindo conhecimentos sobre os filmes que definiram gostos e demonstram escolhas de estilo e modos de ser ancorados no cinema:

Desde a infância me lembro de ter fitas dos meus filmes favoritos que meus pais gravavam para mim. Durante o restante de minha vida continuei tendo uma relação próxima com o cinema. Na fase da pré-adolescência parei de assistir os filmes da minha infância e comecei a procurar outras opções; foi daí que começaram as diversas fases de cinema que tive. Gostei de filmes de época, musicais, filmes franceses, faroestes, filmes autobiográficos. A calma do cinema francês, o romance água-com-açúcar de John Huges, o sarcasmo de Woody Allen e o humor negro de Almodóvar. Isso tudo contribuiu para o meu questionamento da realidade e até mesmo para me aproximar de outras linguagens, como a literatura e a música, por exemplo. (Aluna J).

Sempre gostei de cinema, desde criança e as narrativas que considero memoráveis têm linguagens diversificadas. Comecei minha trajetória com desenhos animados e filmes de terror. Até hoje acompanho os lançamentos da Disney, talvez porque VHS desses filmes fossem presentes frequentes na infância. No geral gosto de filmes que inovem na linguagem cinematográfica ou na forma de narrar. Nesse aspecto posso recordar de “Dogville”, “Planeta Terror”, “Brilho eterno de uma mente sem lembranças”, “O mundo imaginário do Dr. Parnasius”. Alguns diretores também são marcantes. (Aluno M).

Os breves relatos aqui trazidos mostram-nos como são de diferentes ordens as relações dos jovens com o cinema, como alguns ao longo do tempo vão pela mediação da família ou dos amigos, ampliando seu olhar nessa relação, ou como esse olhar mantém-se pelo uso adquirido na infância pelas mesmas mediações. É possível ressaltar que na maioria dos relatos o papel da escola é pequeno no contexto dessa dimensão de relação formadora com o cinema, relação essa que



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

parece acontecer – para a maioria deles – de forma “amadora, espontânea e despreziosa”. Os que têm um maior acesso, que possuem um círculo familiar e de amigos que lhes permite ver e discutir filmes variados, criam modos diferentes de ver, definem escolhas de gosto e estilo próprios que os diferenciam dos que só tem acesso – em sua maioria – à produção industrial do cinema. Que questões esse primeiro olhar nos traz para pensar o cinema na formação do professor? Como pensar o cinema dentro da escola na formação dos alunos desde a infância?

Diferente do que foi vivido socialmente desde 1912 e como parte do sistema educacional brasileiro em 1932 (DUARTE; ALEGRIA, 2008), acreditamos que o cinema na escola deve ser utilizado como um fomentador de narrativas, como uma arte que toca o outro de acordo com sua história. Assim, esse processo de ver deve alcançar também o fazer, ou seja, que esse espectador possa ser autor, produtor, transformador de cultura. De acordo com Duarte e Alegria (2008, p. 74):
Pode parecer estranho propor que a escola tenha entre seus muitos objetivos a formação estética audiovisual se ainda não conseguiu resolver o problema da aquisição plena da linguagem escrita. Entretanto, se admitirmos que, embora fundamental e necessário, o domínio da leitura e da escrita não é suficiente para garantir equidade na disputa por postos de prestígio em sociedades onde a linguagem audiovisual precede (e envolve) o contato com o texto escrito, não parecerá absurdo esperar que os estudantes tenham, na escola, acesso a conhecimentos que lhes possibilitem fazer o julgamento estético de obras produzidas em linguagem audiovisual.

Para Duarte e Alegria (2008), a história do cinema tanto na Inglaterra com Honh Grierson, juntamente com Alberto Cavalcante, como na Europa D. W. Griffith ajudou a lançar as bases do cinema narrativo em uma perspectiva narrativa, sendo que tanto uma quanto a outra tinham uma perspectiva pedagógica. A primeira está vinculada às questões sociais e a segunda está voltada para o entretenimento mais

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

fortemente ancorado nos textos literários.

Concluindo um curso

Aqui trazemos as avaliações dos mesmos jovens de quem trouxemos trechos de suas memórias para vermos como estes perceberam o curso, mesmo com suas diferenciadas experiências e formação. A avaliação baseou-se nas questões: o que achou da experiência vivida nesse curso? Quais as contribuições que o curso trouxe para você? Que relação pode ser estabelecida entre cinema e educação na escola?

Após nossos encontros vimos que cada lembrança de filme está associado a um fato marcante que ocorreu quando este foi assistido. O curso mostrou que a exibição de filmes pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos desde que nós, professores, estejamos dispostos a trabalhar este tipo de material com seus alunos. Grande parte dos profissionais da educação pensam nesse tipo de trabalho com algo extremamente difícil de se concretizar. (Aluno B).

A experiência que tive durante o curso foi extremamente gratificante. Ao longo das aulas pude participar de debates enriquecedores sobre um assunto que muito me interessa: o cinema. A perspectiva do cinema como prática social, sendo, portanto, uma linguagem potencialmente didática já me era conhecida. Porém, pude aprofundar o conceito, esclarecer algumas ligações da teoria com a prática. (Aluno M).

Eu achei bastante proveitoso, pois me deu uma visão sobre cinema e educação muito diferente da que possuía. O curso me fez ver o cinema de forma diferente. Nunca havia parado para pensar em como um filme era construído e na evolução do cinema como algo histórico. Atualmente penso diferente. Creio que não há como, no contexto no qual vivemos, separar o cinema da educação, pois ainda que não passássemos filme algum na escola as crianças levam o cinema para a sala de aula. As crianças devem ter contato com os filmes e suas linguagens não só como



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

experiência enriquecedora, mas como essencial para seu processo educacional. (Aluna K).

O curso ampliou o conhecimento dos alunos sobre as relações entre cinema e educação, apresentando aspectos históricos e de pesquisas relacionadas ao tema, possibilitando vivenciarem pequenas produções audiovisuais e pensar sobre essas dimensões dentro da escola. Não pretendemos dar “receitas” desse trabalho na escola, mas torná-lo algo mais próximo dos alunos. Em outras palavras, procuramos fazer nesse curso uma breve experiência de “passadores”, como nos diz Bergala (2008), não na escola, mas na universidade: “Sempre valerá mais um professor que sabe pouco, mas aborda o cinema de modo aberto, sem trair sua natureza, que um professor que se agarra a uns fiapos de saber rígidos.” (p. 127). A ampliação de repertório é um caminho imprescindível nesse sentido, pois possibilita um investimento e um risco maior por parte desses estudantes, futuros professores que atuarão com as crianças dentro da escola.

Pelas essas experiências históricas vividas entre cinema e educação, a pedagogização do cinema dentro da escola ainda é muito forte. De acordo com Bergala (2008, p. 37): “[...] o medo dos professores face a esse novo objeto, o filme para o qual eles não haviam sido formados, fez com que se apegassem a modelos de análise mais familiares, que eles já praticavam principalmente com a literatura.” A questão do pedagógico é uma marca muito presente na fala dos estudantes desse curso, e o cinema enquanto arte ainda é algo que precisa de muito mais experiência vivida para ser compreendida e vivenciada na escola nessa dimensão formadora.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink/CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. Algumas palavras sobre uma linguagem. In: _____. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- _____; ALEGRIA, João. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e Realidade**: Dossiê Cinema e Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 59-80, jan./jun. 2008.
- FANTIN, Monica. Mídia-educação, cinema e produção audiovisual na escola. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6. **Anais...**, 2006.
- FERNANDES, Adriana Hoffmann. **O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes contextos educativos**. Projeto de Pesquisa FAPERJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- FRESQUET, Adriana Mabel. Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED – GT de Educação e Comunicação), 31, Caxambu, 2008. **Anais...**, Caxambu, 2008.
- PEREIRA, Silvio da Costa. Mídia-Educação no contexto escolar: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis. **GT-16: Educação e Comunicação**. Projeto apresentado ao CNPq. 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT16-4061--Int.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2011.
- RIVOLTELLA, Píer Cesare. A formação da consciência civil entre o “real” e o “virtual”. In: GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Mônica. **Liga, roda, clica**: estudos em mídia, infância e cultura. Campinas-SP: Papyrus, 2008.